

brasileiro e suscitar o interesse no conhecimento de um dos períodos mais extraordinários de nossa música.

José Eduardo Martins
Professor do Depto. de Música – ECA/USP.

VALVERDE, Concha Piñero. *Juan Valera y Brasil: un encuentro pionero*. Quásyeditorial, 1995. 200p. (Cuestión de Perspectiva, 2).

Não sei se, nos últimos anos, terá sido publicada no exterior outra obra que tenha, para o Brasil, a importância desta ora lançada na Espanha. Sua autora, livre-docente de Literatura Espanhola na Universidade de São Paulo, aqui se afirma também como abalizada pesquisadora da cultura brasileira. Pois a vida do Brasil do século XIX perpassa estas páginas, dedicadas aos escritos de Juan Valera (1824-1905), romancista espanhol outrora em serviço diplomático no Brasil.

Três são os principais escritos nascidos da permanência de Valera na corte de Pedro II: um precioso epistolário (1852-1853), dirigido quase todo ao também escritor Serafín Estébanez Calderón; um ensaio sobre a poesia brasileira (1855), cuja importância logo se mencionará; enfim, um romance (1897), ambientado no Rio de Janeiro imperial. Pouco estudados em seu país de origem e desconhecidos entre nós, os escritos “brasileiros” de Valera são resgatados e brilhantemente analisados pela autora, em obra que adquire importância de verdadeira revelação.

De fato, a presente obra, organizada em três grandes partes, correspondentes ao epistolário, ao romance e ao ensaio de Valera, vem apresentar ao público brasileiro um depoimento excepcional acerca do momento de consolidação de nossa autonomia política e cultural (o início do governo pessoal de Pedro II e do movimento romântico em nossa literatura). A obra é aberta por uma extensa análise do lugar do Brasil nos ideais iberistas de Valera, o que permite situar as páginas do escritor em um amplo debate sobre a história das relações dos países americanos com Portugal e Espanha.

Não é possível, no espaço de uma resenha, sequer aludir à riqueza da obra que se acaba de lançar. No estudo sobre o epistolário de Valera, por exemplo, a autora soube retratar, com rara felicidade, o humorismo do jovem escritor, que tão bem se adaptou à jocosidade do ânimo carioca. Leiam-se, por exemplo, as páginas em que o jovem diplomata, entre assustado e divertido, relata o assédio amoroso

que lhe é movido pela irmã da marquesa de Santos, a velha baronesa de Sorocaba; ou as que narram o êxito então alcançado no Rio pelo misterioso Adadus Calpe, parapsicólogo *avant la lettre* e, mais tarde, sob o prosaico nome de Antonio Deodoro de Pascual, consagrado como intelectual brasileiro por Sacramento Blake. Leia-se, enfim, o que diz a autora sobre as relações de Valera com o imperador, com a corte, com figuras como Varnhagen e, enfim, com o Rio de Janeiro de 1850, em seus conflitos sociais (o trabalho escravo) e em seus divertimentos na rua do Ouvidor e nos passeios a Petrópolis. Todo esse Brasil de outrora, visitado por Valera, é reevocado pela autora em páginas de deliciosa leitura, onde o epistolário do escritor é cuidadosamente situado em seu contexto histórico e cultural.

A *Genio y figura*, romance publicado por Valera em 1897, dedica a autora a segunda parte desta obra. Ao recordar, no final da vida, o Rio de sua juventude, Valera esconde surpresas que a autora aqui desvenda pela primeira vez. Notável sua demonstração do caráter fundamentalmente autobiográfico do texto, apesar do silêncio do autor. Notável, também, a demonstração do “iberismo” presente na figura da protagonista, Rafaela, hispano-brasileira. A paisagem exuberante do Rio, os convescotes de estudantes, os salões, a vida dos escravos (majestosa a figura de Otaviano), os deslizos conjugais de um altíssimo prócer do Império, tudo volta à memória neste que é um dos raros romances de ambientação brasileira surgidos na Europa do século XIX.

A última parte desta obra, todavia, é a que provavelmente contém a revelação mais importante para o leitor brasileiro, em geral, e para o crítico da literatura brasileira, em particular. Como bem ressalta a autora, *De la poesía del Brasil*, ensaio de 1855, é o primeiro, fora do âmbito da língua portuguesa, em que nossa literatura é estudada de forma autônoma. Lembre-se que o conhecido estudo de Ferdinand Denis, *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), apesar de seus grandes méritos, já no título pospõe o estudo da literatura brasileira ao da portuguesa. Não é o que faz Valera. Seu ensaio, após ampla apresentação do quadro político e social do Brasil, se detém sobre nossos principais poetas coloniais (Basílio da Gama, Santa Rita Durão) e românticos (Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre), principais, segundo Valera, justamente por serem os artífices de uma literatura independente. Literatura em que Valera observa a contribuição do indígena e, sobretudo, do negro. A autora aponta, com segurança, o papel pioneiro de Valera neste ensaio, inexplicavelmente esquecido pelos historiadores da Literatura Brasileira.

O que fica dito há de bastar para que se entenda com quanta razão conclui a autora que Valera é nada menos que um dos primeiros “brasilianistas” de que se tem notícia. Nem é preciso dizer mais para entender o extraordinário valor, para

a cultura brasileira, do trabalho da Professora Concha Piñero Valverde. Sabe-se que ela própria logo nos dará uma tradução do citado ensaio de Valera. Resta fazer votos de que também este livro, agora publicado na Espanha, logo encontre entre nós uma edição dignamente traduzida, que possa divulgá-lo ainda mais junto aos que aqui se voltam para os estudos brasileiros.

Pedro Garcez Ghirardi
Professor de Língua e Literatura Italiana – FFLCH/USP.